

Praticantes do surfe no Lago Paranoá já chegam a 150 e exibem a habilidade de deslizar sobre 'ondas' que não chegam a mais de 30 centímetros

Surfistas do Paranoá exigem respeito

Manobrar sobre as marolas de lancha ou jet-ski é para fera, diz a tribo do lago de Brasília

LUCIANO PIRES

BRASÍLIA – O Lago Paranoá, o mesmo que serve às manias aristocráticas da corte política em Brasília, é freqüentado por uma tribo impensável para aquelas pacatas águas: os surfistas. A mais de mil quilômetros do litoral, eles se contentam com ondas que não passam de míseros 30 centímetros, formadas artificialmente com a ajuda de um jet-ski ou de uma lancha. Trata-se de uma turma de 150 atletas da prancha que, deslizando sobre as águas doces do cerrado, fundaram um curioso grupo, o Movimento dos Sem Praia, ou só MSP. Têm página na internet e até um campeonato anual, em dezembro, em qualquer point fora de Brasília e com ondas de verdade.

Os surfistas do cerrado têm orgulho de sua praia fajuta, com terra vermelha que lambuza os pés e sem vendedor ambulante. São ufanistas quando falam do Paranoá. Com as mesmas gírias da tribo do surfe carioca – “brother”, “qualé” – alçam as ondas de mentirinha ao olimpo das melhores do mundo. O pioneiro nas águas do lago foi o carioca Paulo Itajahy, 27 anos, contabilista e parafinado como os colegas. Paulo protagonizou uma cena que virou lenda entre os adeptos do esporte.

Perícia – Em 1995, ele vestiu o macacão de neoprene, roupa térmica típica dos surfistas, e puxado por um barco que produzia marolas executou quatro manobras. Experiente no negócio, Paulo conta que, incrivelmente, não achou tão fácil assim patinar sobre as ondinhas. Exige-se uma perícia diferente: com os braços atrelados a um barco, os surfistas do lago precisam descontar com força em dobro no résto do corpo. Ele adorou a sensação. “Foi a melhor coisa que eu poderia ter sentido desde que me mudei do Rio de Janeiro para cá”, lembra. A aventura lhe rendeu fama e prestígio entre os colegas. Uma revista especializada até estampou uma foto com a estripulia e um texto intitulado “Acredite se quiser”.

A turma de surfistas do cerrado faz filosofia a granel. Os atletas gostam de repetir a máxima da animada patota: “O importante é manter o surfe vivo onde quer que ele queira se manifestar.” A cartilha dos brasilienses é diferente da dos outros surfistas. Para equilibrar-se em cima de uma prancha no lago é preciso ter paciência de monge para subir nela, por conta da velocidade da embarcação que vem à frente e das irregularidades na superfície da água. É mais difícil ficar de pé. Um pré-requisito é ter equilíbrio e força pa-

ra não cair – isso sem os braços, ocupados com a linha de um jet-ski ou de uma lancha.

Equilíbrio – Paulo e os demais parafinados sustentam que o surfe no lago cansa mais do que no marzão de Ipanema. “É verdade que no litoral qualquer distração pode ser fatal, mas aqui no Paranoá sem força e equilíbrio máximos não se vai a lugar nenhum”, sustenta Paulo. Uma turma de 52 surfistas da capital mostrou sua habilidade, em janeiro deste ano, na praia de Garopaba, em Santa Catarina. É ali, em águas emprestadas, que eles realizam todo ano o Campeonato Brasiliense de Surfe. Têm organização de profissional. Estão separados por categoria e tudo: a de iniciantes, a de surfistas medianos e a de mestres no ofício.

Na praia dos brasilienses entram surfistas do Brasil inteiro. O evento movimenta como poucos a capital do país. Os meninos da prancha promovem festas para divulgar o acontecimento e organizam caravanas de torcedores para o Sul do país. As lojas especializadas aumentam suas vendas em Brasília. O comércio, aliás, é um bom termômetro para medir a popularidade do surfe na capital. No último ano, o número de lojas especializadas em shopping saltou 50%.

Campeonato – Mobilizar os surfistas a ponto de rodar vários estados de ônibus atrás das ondas não é fácil. No grupo, a coisa deu certo muito movida por surfistas inconformados com a falta de um lugar para usar a prancha. É o caso dos irmãos André, 26 anos, e Daniel Romão Lopes, 23, dois brasilienses natos. “A gente não conseguia viver sem o mar”, diz Daniel, o caçula. O primeiro campeonato dos surfistas do cerrado, em 1998, se diferenciava muito pouco de um piquenique familiar fadado ao fracasso. Apenas 17 corajosos brasilienses embarcaram para Santa Catarina.

Daniel lembra o passado próximo. “Todo folheto que a gente distribuía na rua convocando as pessoas vinha acrescido de uma piadinha diferente”, fala hoje com humor. Acabaram fazendo as pessoas se acostumarem com a idéia de um campeonato de surfistas do Centro-Oeste e conseguiram até um patrocinador para o campeonato. Daniel, que é um dos idealizadores do Movimento dos Sem Praia, espera 80 inscritos em 2002. Quem quiser aprender mais sobre a cartilha dos entusiasmados moços com as melenas cobertas de parafina pode surfar na internet. O ponto de encontro deles é a página www.movimentodossempraia.com.br.